



MEDICINA DE EMERGÊNCIA NO BRASIL E NO MUNDO: A QUE PASSO ESTAMOS?

Dr. Lucas Oliveira de Medeiros - CRM: 22364
Médico pela Universidade Federal do Cariri - UFCA
Médico Residente do 2º ano em Medicina de Emergência pela
Escola de Saúde Pública do Ceará - ESP.

Desde a década de 1960 - época da criação da Medicina de Emergência enquanto especialidade médica nos Estados Unidos - estamos assistindo um processo vertiginoso que culminou até o momento em mais de 48 países que a reconhecem como uma área específica da atuação médica, sendo dentre esses o Brasil que formalizou seu reconhecimento no ano de 2015. De lá para cá assistimos uma a uma a criação de novos programas para educação formal desses profissionais, hoje já somando mais de 40 programas de residência médica regulares por todo o país a cada aumento o contingente médico de homens e mulheres com o perfil e as habilidades necessárias a um bom Emergencista.

Em contraponto, parece estranho imaginar que em países de maior desenvolvimento humano e econômico como nosso outrora descobridor Portugal, que somente há 2 anos formou sua primeira sociedade médica em emergência, lutando há mais de 20 pelo reconhecimento da especialidade sem sucesso, muito embora já vislumbrem a possibilidade renovada em um futuro próximo, força essa deferida após a pandemia do Covid-19.

Se no mundo, no entanto podemos ainda perceber obstáculos ao reconhecimento da Medicina de Emergência como especialidade, no Brasil ainda padecemos das dificuldades de seu fortalecimento não só enquanto grupo dentro dos diversos serviços em saúde, como da sua importância magistral nas políticas públicas de saúde e de seu poder transformar na qualidade em assistência médica nas diversas esferas a qual a mesma está interposta. Havemos de considerar o quanto ainda faltam Emergencistas ocupando cargos de grande importância na gestão de recursos e serviços em saúde sejam eles públicos ou privados, muitas vezes postos esses que estão há anos ocupados por outros profissionais sem qualquer educação formal seja por apadrinhamentos ou pela conformidade manca a que se nos acostumamos conceber nas linhas de atendimento.

Há ainda de se levar em conta a forma como os serviços de saúde como um todo são subaproveitados ou mesmo mal estruturados para as demandas, podendo ser apontado por exemplo a imensa compartimentalização do serviço sem no entanto haver proporcionalidade à demanda necessária, como serviços únicos de porta de entrada para pacientes neurológicos, coronariopatas agudos, urgências urológicas e de emergências vasculares, que concentram todos os pacientes em um único hospital incapaz de atender a necessidade de todos e mesmo ao pluralidade de comorbidades de um mesmo paciente em um único hospital.

De outro ponto, mesmo no fronte de acesso à saúde como nas UPAs, vimos uma completa despersonalização do que um dia foi pensando para a atuação das unidades, e assistimos desde mesmo muito antes a pandemia que nos sucedeu as lotações em massa das salas de observação transformadas em Internação Hospitalar inadequadas e insalubres.

Muito embora o que foi dito até agora não seja pouco, esses e outros pontos a mais no concernente a concessão de direitos trabalhistas justos e a um plano de carreira para o Médico Emergencista se quer ainda são colocados em pauta tamanha a disparidade do que sonhamos enquanto serviços de excelência.

Tudo isso ainda se faz mais sonho do que verdade, uma vez que para a elevação que essas necessidades sejam tomadas como medidas de saúde pública com a maior urgência para toda a sociedade, se faz necessária uma associação médica forte e representativa que possa em nome destes que abraçaram há mais de 30 anos o esta especialidade linda e desafiadora que é a Medicina de Emergência levá-la aos holofotes que os são de direito; cabe sobretudo a nós médicos darmos a real importância e entender que somente com o fortalecimento de uma associação médica influente e prestigiosa poderemos tornar o que hoje são sonhos a nossa realidade não mais tão distante.